

TRAVESSIA EM GUIMARÃES ROSA A POESIA, O RIO, A VIDA e A MORTE

Ronald Claver e Antônio Sérgio Bueno

Contar Rosa é negócio muito dificultoso, Inda mais uma travessia como esta. Mas não há nada. Nonada. O caminho é perigoso. Chegaremos lá. Certeza quase tenho. E vereda ainda verde.

Narrador:

João Guimarães Rosa, grande sertão, veredas.

Não se há de buscar na história o que não há.

Não há o acontecer, a história simplesmente,

Não há o grande sertão.

João Guimarães, o homem letrado, o audaz

O primeiro que foi, foi personagem seu.

O primeiro que foi, criança, é Miguilim,
menino de inventiva e de muito sonhar.

João Guimarães, depois foi mais:
cavaleiro, vaqueiro e capataz.

Foi o amor do amador, e o diabo também

O diabo de cem nomes e até de mais de cem

O diabo enganador e senhoril, o frio.

Diabo que não existe e que é puro existir.¹

Narrador:

Amigo meu, J. Guimarães Rosa, mano-velho, muito saudar!

Me desculpe, mas só agora pude campear tempo para ler o romance de Riobaldo. Como que pudesse antes? Compromisso daqui, obrigação dacolá... Você sabe: a vida é um Itamarati.

Ao depois de depois, andaram dizendo que você tinha inventado uma língua nova e eu não gosto de língua inventada. Sempre arreneguei de esperantos e volapuques. Vai-se ver, não é língua nova nenhuma a do Riobaldo. Difícil é, às vezes. Quanta palavra do sertão! Nenhum dicionário dá a palavra “vereda” com o significado que você mesmo define: “Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é vereda! Tinha vezes que pelo contexto eu inteligência: “ciriri dos grilos”, “gugo da juriti”, etc.. Mas até agora não sei, me ensine, o que é “arga”, “suscenso”, “lugugem” e um desadorno de outras vozes dos gerais.

Ainda por cima disso, você fez Riobaldo poeta, como Shakespeare fez Mac Beth poeta. Natural: por que um jagunço dos gerais demais do Urucuaia não poderá ser poeta? Pode sim. Riobaldo é você se fosse jagunço. A sua invenção é essa: por jagunço poeta inventando dentro da linguagem habitual dele. O diabo é que depois de ler você a gente começa a se sentir e cantar eu sou pobre, pobre, pobre, rema, rema, rema, ré.

E o caso de Diadorim, seria mesmo possível? Você é dos gerais, você é que sabe! Mas eu tive a minha decepção quando se descobriu que Diadorim era mulher. Eu preferia Diadorim homem até o fim. Como você disfarçou bem! Nunca maldei nada.

Amigo meu J. Guimarães Rosa, mano-velho, o menino Guirigó e o cego Borromeu são duas criações geniais. Aliás todo esse mundo de gente vive com uma intensidade assombrosa. E o sertão?

O SERTÃO É UMA ESPERA ENORME.

E o silêncio?

O VENTO É VERDE. AÍ, NO INTERVALO, O SENHOR
PEGA O SILÊNCIO, NO COLO.

Tão deleitável tudo, nem que estar nos braços da linda
moça Rosa'uarda, ou de Nhorinhá, de Ana Duzuza filha, ou
daquela prostitutriz que:

PROSEAVA GENTIL SOBRE AS SÉRIAS IMORALIDA-
DES;

Ah, Rosa mano-velho, invejo é o que você sabe:

O diabo não há! Existe é o homem humano.

Soscrevo.

Manuel Bandeira ².

Ficamos sem saber o que era João
e se João existiu
de se pegar. ³

Carlos Drumond de Andrade

NARRADOR: Mas quem é esse quase mil? Quem é esse um,
multiplicado de estórias? Quem é esse um chamado João?

ROSA: sou, antes de tudo um homem do sertão. Nasci em
Cordisburgo. Em M. Gerais. ⁴

RIOBALDO: O sertão está em toda parte. O sertão é do ta-
manho do mundo. Sertão é quando menos se espera. Vou
lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão!
Não sei. Ninguém ainda sabe. Só umas raríssimas pessoas.
Sertão sendo do sol... Um passo para os de meia-razão. Lugar
sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos. Sertão
é uma espera enorme. Sertão. Sabe senhor: Sertão é onde o
pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do
lugar. Mas sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é
achado... Tudo incerto, tudo certo. Até enterro simples é
festa. E é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada.
O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as as-
túcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado.

cantiga: Hei-de às armas, fechei trato
nas veredas com o cão.
Hei de amor em seus destinos
conforme o sim pelo não.
Em tempo de vaquejada
todo gado é barbatão:
deu doideira na boiada
soltaram o rei do sertão...
Travessia dos gerais
Tudo com armas na mão
O sertão é a sombra minha
e o rei dele é capitão.⁵

ROSA: Tudo isso é certo, mas não esqueça dos meus cavalos e das minhas vacas. Uma vaca e um cavalo são seres maravilhosos. Quem lida com vacas, quem lida com cavalos, aprende muito para sua vida e a vida dos outros. Isto pode espantar-lhe, mas sou meio vaqueiro.

RIOBALDO: Cavalo que ama o dono até respira do mesmo jeito. Acho que o espírito da gente é cavalo que escolhe estrada: quando ruma para a tristeza e morte, vai não vendo o que é bonito e bom. Seja. Uma coisa o senhor não sabe: rincho de cavalo padecente assim de repente engrossa e acusa buracões profundos e às vezes dão ronco quase de porco ou que desafina, esfregante, traz a dana deles no senhor, as dores, e se pensa que eles viraram outra qualidade de bichos exco-mungadamente. O senhor abre a boca, o pelo da gente se arrupeia de total gastura, o sobregelo. E quando a gente ouve uma porção de animais, se ser em grande martírio, a menção na idéia é a de que o mundo pode se acabar.

E o mundo estava vazio. Boi e boi. Boi e boi e campo. Cavalo. Cavalaria! Cortejo que fazia suas voltas, pelos ermos, pelos ocos, pelos altos, a forma duma mistura de gente amontoda, uma continuação grande. Os bois dormem como grandes flores e desde o raiar da aurora o sertão tonteia — fogo nos seus pastos... O sol roxo requeimão, cheiro de boi sempre faz. Conto. Meu cavalo f'losofou. Senti meu cavalo como meu corpo. E estou para ver outro igual siso e caráter. E

os cavalos vagarosos; viajavam como dentro dum mar. E um boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando... Dança doido, dá de duro, dá de dentro, dá direito... Vai, vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando.

ROSA: Quando alguém me fala de quaisquer acontecimentos trágicos eu digo só isto: Quando tu olhas nos olhos de um cavalo, então vê tanto da tristeza do mundo! Eu queria que o mundo fosse habitado só por vaqueiros. Seria então melhor.

Cantiga: Um boi preto, um boi pintado
cada um tem sua cor
cada coração um jeito
de mostrar o seu amor.

RIOBALDO: O amor é sede depois de se ter bem bebido. E assim mesmo afirmo que Rosa'uarda gostou de mim, me ensinou as primeiras bandalheiras, e as completas que juntos fizemos, no fundo do quintal, num esconso, fiz com muito anseio e deleite. E estudava seu corpo adivinhando as nascentes do amor. E só se pode viver perto do outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. E a gente sabe que esses silêncios estão cheios de mais outras músicas. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre. E tem hora em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto. Foi um esclaro. O amor, já de si, é algum arrependimento. Abracei Diadorim, como as asas de todos os pássaros. E amor? E pássaros que põe ovos de ferro. Mas amor é amor, nem fugisse dele o homem, ele acontecia... E o homem e a mulher, o avançar parados dentro da luz, como se fosse o Dia de Todos os pássaros... Mas a natureza da gente é muito segundas-e-sábados. Tem dia e tem noite versáveis, em amizades de amor. E sempre que se começa a ter amor a alguém, no ramerrão, o amor pega e cresce, é porque, de certo jeito,

a gente quer que isso seja, e vai, na idéia querendo e ajudando. E o coração cresce de todo lado. Coração vige feito riacho colominhando por entre serras e varjas, matas e campinas. Coração mistura amores e tudo cabe... Me alembro, vinha andando e agora era que eu pegava a pensar livre e solto na Rosa'uarda, lindas pernas as linhas grossas, ela no vestido de nanzuque, nunca havia de ser para meu regalo. Dum modo senti, como recordei, depois, tempos, quando foi arte se cantar uma cantiga:

Seu pai fosse rico
tivesse negócio
eu casava contigo
e o prazer era nosso...

LORENZ: Você me disse uma vez que quando escreve quer aproximar-se de Deus, às vezes quer aproximar-se demais.

ROSA: Eu procedo assim como um cientista que também não avança com simples crença e pensamentos que agradam a Deus. Nós temos — o cientista e eu — de pegar no colo Deus e o infinito e pedir-lhe contas e se for preciso também corrigi-lo. Se nós quisermos ajudar o homem.

RIOBALDO: Até para a gente se lembrar de Deus, carece de se ter algum costume. Que Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe mas quase só por intermédio da ação das pessoas. De bons e maus. Coisas imensas do mundo. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais no meio da alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da tristeza! Ao clarear do dia. Com Deus existindo tudo dá esperança; sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente ficar perdidos no vai-vem. Mas muita gente não me aprova, acham que a lei de Deus é privilégio, invariável. Mas Deus é traçoeiro — dá gosto! Deus é um gatilho. A força dele, quando quer, moço! me dá medo pavor! E Deus ataca bonito, se divertindo. Deus é paciência. Se economiza. Acho que Deus não quer consertar nada a não ser pelo completo contrato: Deus é uma plantação. Come escondido e o diabo sai por toda

parte lambendo o prato . . . O que Deus sabe, Deus sabe. Deus é definitivamente . . .

LORENZ: Espero que você me diga agora, outros fatos de vida.

ROSA: Vou-lhe revelar um segredo: creio que vivi uma vez. Naquele tempo, eu era brasileiro e chamava-me João Guimarães Rosa.

Em outras palavras: eu queria ser um crocodilo no São Francisco. Um crocodilo nasce ou entra no mundo como mestre da Metafísica porque para ele todo rio é oceano, um mar de sabedoria, e mesmo ainda quando ele atinge cem anos de idade. Eu gostaria de ser um crocodilo, porque eu gosto dos rios grandes, porque eles são profundos como a alma do homem; na superfície são muitos vivos e calmos; no fundo são tranquilos e escuros como a alma do homem. E outra coisa ainda de que eu gosto nos nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para a eternidade.

RIOBALDO: Os rios não dormem. O rio não quer ir a nenhuma parte ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo; mas mesmo assim cheguei a encarar a água, o Rio das Velhas passando seu muito, um rio é sempre sem antiguidade. Cantiga? Chu-áa! ruge o rio, como chuva deitada no chão.

E abril, quando passavam as chuvas, o rio — que não tem pressa e não tem margem, porque cresce num dia mas leva mais de mês para minguar — desengorda devagarinho. Peço, me depositem numa canoinha de nada, nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio e seu além. E que a canoa sai no seu indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida e longa. Mas Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é vereda.

1 — Olerê cantá, oi cantador
Eu subi pelo céu arriba
numa linha de pescar
preguntar Nossa Senhora
Se é pecado namorar

olerê cantá, oi cantador
O Rio São Francisco
Faz questão de me matar
Pra cima vai ligeiro
Pra baixo bem devagar

olerê cantá, oi cantador
Travessei o São Francisco
Numa canoa furada
Arriscando minha vida
sempre assim não vale nada
olerê cantá, oi cantador
Travessei o São Francisco
numa casca de cebola
arriscando minha vida
sendo assim é coisa atoa

olerê cantá, oi cantador
Travessei o São Francisco
montado numa cabaça
arriscando minha vida
por um gole de cachaça...
olerê cantá, oi cantador
Vida é sorte perigosa
passando na obrigação
toda noite é rio-abaiixo
todo dia é escuridão
olerê cantá, oi cantador

ROSA: Nós sertanejos somos tipos especulativos, cismar nos dá até prazer. Nós queremos explicar todo dia, de novo as questões do mundo... "as questões da vida".

RIOBALDO: O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. Mas a vida não é entendível. E esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir suas perdas e colheitas. Eu nasci devagar. Sou é muito cauteloso. Porque viver é um descuido prosseguido. Esta

vida está cheia de ocultos caminhos. A vida da gente faz sete volta. — se diz. A vida nem é da gente. Vida devia ser como na sala do teatro, cada um inteiro fazendo forte gosto seu papel, desempenho. Era o que eu acho, é o que eu achava. Mas o senhor nem não diga nada. Vida é noção que a gente completa seguida assim, mas só por lei duma idéia falsa. Travessia perigosa é a vida. A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso em que o primeiro se pensou. Saiba o senhor que pra jagunço a vida está assentada: comer, beber, apreciar mulher brigar e o fim final. Mas a vida tem de ser mesmo variável. Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa. Ao que este mundo é muito misturado. Preciso é que reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente que às vezes custa passar, mas sempre passa. E depois. Ignoro não. No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. E qual é o caminho certo da gente? Nem para frente, nem para trás: só para cima. Ou parar curto quieto. Feito os bichos fazem. Viver... O senhor sabe. Viver é etcétera. Viver é negócio muito perigoso...

ROSA: Cada dia que raia queremos esclarecer os mistérios fundamentais do mundo. Mas nunca me dou por satisfeito. Como já disse, estou à procura do impossível, do eterno. Fui médico, rebelde, soldado. Foram etapas importantes de minha vida e, em rigor, a sequência representa um paradoxo. Como médico, conheci o valor místico do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado o valor da proximidade da morte...

RIOBALDO: A morte é corisco que sempre já veio. A morte de cada um já está em edital. E antes de menino nascer, hora de sua morte está marcada. E o dia da gente desexistir já é um certo decreto. O cristão não se conserta pela má vida levável, mas sim porém, sucinto pela boa morte — ao que a morte é o sobreviver de Deus, entornadamente. Confesso: vi a morte com muitas caras. Mas naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus

lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice querendo me contar coisas que a idéia da gente não dá para entender — e acho que é por isso que a gente morre. E o senhor havia de conceber alguém aurorear de todo amor e morrer como só para um. E morrer talvez seja voltar para a poesia. E quando a gente dorme, tudo vira pedra, tudo vira flor. A gente não morre, fica encantado.

RIOBALDO: “Cumpadre meu que ouviu esse Riobaldo, esse falar, espere um pouquinho, unzinho só porque “TEM UMA VERDADE QUE SE CARECE DE APRENDER, DO ENCOBERTO, E QUE NINGUÉM ENSINA: O BECO PARA A LIBERDADE SE FAZER, SOU UM HOMEM IGNORANTE. MAS ME DIGA O SENHOR: A VIDA NÃO É COISA TERRÍVEL? LENGALENGA. FOMOS, FOMOS”.

João Guimarães, grande sertão veredas
Filho de Cordisburgo nas Minas Gerais
Cavaleiro que ainda passeia nos campos,
Campos de estrela d'alva e buritizais.

- 1 Renata Pallotini, in *Sarapalha*, peça em 1 ato
- 2 Carta de Bandeira a J. G. Rosa
- 3 Versos de C. D. Andrade, poema Um Chamado João
- 4 Diálogo de Günter W. Lorenz com J. G. Rosa
- 5 Cantiga popular do sertão